

Natal.

Jesus visto pelos "outros"



O Natal se aproxima. Nos bastidores da vida de muitas pessoas da Universidade e fora dela, conhecidas ou anônimas, letradas ou não, constatamos formas diferentes de ver e celebrar o Natal. No último *IHU On-Line* de 2002, trazemos, na matéria de capa o depoimento de algumas pessoas que, com suas diversidades contam seu Natal e sua forma de ver Jesus Cristo. No *Livro da Semana*, trazemos a publicação, em português, do livro de John P. Meier *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus Histórico*. Um livro de mais de 1.700

páginas que, com rigor científico, ajuda a compreender quem foi Jesus de Nazaré. Acompanhe, ainda nesta edição, a *entrevista da Semana* com o filósofo francês Jean-Luc Nancy sobre a crise no Ocidente. O evento instaurado por Jesus de Nazaré perpassa a análise do autor. Além de notícias sobre os eventos recentemente acontecidos no IHU e na Unisinos, encontrará também, nesta edição, a entrevista com Pedro Sloterdijk, intitulada *Não estamos condenados ao consumismo*, um artigo sobre a aquisição do Arquivo Histórico

do Rio Grande do Sul de material sobre o pioneiro ecologista Henrique Luiz Roessler e um artigo sobre o consumo de água mineral num país como Brasil tão rico em recursos hídricos.

O *IHU On-line* voltará a circular no dia 24 de fevereiro de 2003, sempre às segundas-feiras e com uma nova diagramação gráfica para o boletim impresso. Agradecemos a todos e todas que nos animaram na caminhada de

2002 e contamos com o mesmo apoio crítico no ano de 2003.

Por ocasião do Fórum Mundial da Educação e do Fórum Social Mundial editaremos um número especial do *IHU On-line*.

Desejamos aos leitores e às leitoras de *IHU On-Line* um Feliz Natal, um bom início de ano e ótimas férias!

O NATAL DA NOVA MINISTRA

Anunciada na terça-feira, 10 de dezembro, como a futura ministra do Meio Ambiente do governo Lula, a senadora **Marina Silva** (PT), 44 anos, conversou por telefone de Brasília com *IHU On-Line* sobre o Natal e a pessoa de Jesus Cristo, destacando o próximo Natal, que lhe abrirá uma etapa de grandes desafios.

Eleita em 1994 a senadora mais jovem no país, Marina nasceu no Seringal Bagaço, distante 70 quilômetros de Rio Branco (AC). Filha de um casal de seringueiros, Marina tem sete irmãos. Aos 15 anos, ficou órfã de mãe e assumiu a chefia de casa. Trabalhou como empregada doméstica e foi alfabetizada aos 16 anos. Participou das Comunidades Eclesiais de Base. Formou-se em História e foi professora da Universidade Federal do Acre.

“Nesta data em que combinamos celebrar o Natal, porque na realidade o Natal não tem uma data exata, o que centra mais minha atenção é o projeto do Salvador que é maior que todo e qualquer projeto. Acho importantes os presentes e a convivência, mas, às vezes, lamento que estes desvirtuem o Natal. O grande presente é o de Deus que se fez homem, se fez limitado, para que nós possamos constatar e transcender as nossas limitações. O Natal é, para mim, um tempo de balanço para ver aquelas coisas que tenho que mudar ou aprofundar. Nos próximos anos, eu terei grandes desafios, maiores do que no resto da minha vida. Mas, como eu me movo pela fé e pela determinação, a vinda do Criador me dá uma mensagem muito importante. Ele não ousou fazer as coisas sozinho, buscou colaboradores, e eles não estavam entre os mais poderosos ou geniais, com o que eu me identifico muito.”

DEUS ENTRA NA HISTÓRIA E NAS HISTÓRIAS

Maria Helena Santana Lima tem 54 anos e mora na Vila Duque, São Leopoldo, há 35. Ativa participante da Igreja Assembléia de Deus, Maria Helena tem 11 filhos, sendo que 4 deles são missionários na mesma Igreja. No dia de Natal, ela vai com alguns dos seus filhos, à Igreja onde, após o culto, se realiza a Santa Ceia, na qual os batizados partilham pão e suco de uva, o que lembra a última ceia de Jesus com os apóstolos. Maria Helena recebeu a repórter de *IHU On-Line* em sua casa e, após mostrar as fotos da família e apresentar os filhos que, um a um, iam acordando naquela

manhã de sol e iam saindo do único quarto da casa, separado por cortinas da sala, conversou sobre o Natal, sua vida e sua fé.

“A família se reúne e saudamos os vizinhos. Natal é uma alegria que não tem como explicar. Nesse dia, na Igreja, a gente se acerta, pede perdão para alguém a quem magoou. Jesus é alguém a quem a gente não enxerga, mas sente. Eu leio o Evangelho, mas não muito. Em muitos momentos da minha vida, Ele me escutou e ajudou. Lembro um Natal em que não tínhamos nada para comer, nem dinheiro para comprar alguma coisa, então veio uma pessoa amiga e trouxe um rancho para nós. Isso foi maravilhoso, porque foi Deus que tocou no coração dela, senão ela não daria. A gente não vê, mas sente Ele. Quando estou angustiada, vou na Igreja, dobro o joelho, falo com Deus e volto outra pessoa. Numa época um dos meus filhos aprontava muito. Um dia o vi brigando com outros na rua e foi preso. Eu não agüentava mais e pedi para Deus tomar conta. Chorava de tristeza. Lembrei que Ele dizia: “Todos os que estão cansados vinde a mim”. E eu fui. Depois esse meu filho se converteu a Jesus na cadeia e hoje está livre e é missionário na Igreja. Agora tenho um outro filho que aprontou, e uma turma o ameaçou de morte. Eu mesma tive que sair a defendê-lo no outro dia. Tem vezes que a gente chora de alegria e outras vezes a gente chora de tristeza.”

Cláudia tem 29 anos e é uma das filhas de Maria Helena. Cláudia é solteira e tem dois filhos de seis e quatro anos. Andriele, a filha de seis anos, nasceu prematura e padece de problemas neurológicos, tem muito poucos movimentos e não consegue falar. *“Eu gosto de passar o Natal com minha família e amigos. Vou, às vezes, à Igreja, com minha mãe”.*

O HOMEM JESUS

Mohamad Jihad é advogado, mora em São Leopoldo e é de família árabe, filho de pai palestino, que nasceu na Aldeia Deid Athad, na Palestina, mas que foi destruída na guerra de 1948. O pai de Mohamed criou-se no chamado Campo de Refugiados de Beheisha, em Belém, na Cisjordânia. Já a mãe do entrevistado é brasileira com descendência assíria. Membro do Instituto Palestino Jerusalém, de Porto Alegre, Mohamad participou como debatedor no evento *Conflito na Palestina: uma perspectiva de paz*, promovido pelo IHU em parceria com o DCE no dia 2 de maio de 2002 no Auditório Central da Unisinos.

“Durante toda minha vida registrei todos os tipos de informação sobre este homem. No lado do mundo em que me criei, as pessoas o chamavam de Deus, na religião que aprendi a professar o chamavam de homem santo. Também ouvi alguns chamá-lo de revolucionário, líder espiritual, político e até de alienígena do bem. Porém, o conceito mais bem apresentado sobre este senhor me foi dado por seus vizinhos. Eles simplesmente o chamavam de Cid Issa (Senhor Jesus). É assim que até hoje, o sofrido e hospitaleiro povo de Belém faz referência ao ilustre conterrâneo, e quero acreditar que era assim que Jesus gostaria de ser lembrado. Tenho convicção de que este nobre carpinteiro da cidade dos pastores não tinha nada de egocêntrico. E é neste ponto que reside nossa grande falha. No Natal, comemoramos o nascimento do homem, mas nos esquecemos do que foi o mais importante sentido da sua vida, sua mensagem. Necessário seria

confessar uma mera culpa com quase 2000 anos de atraso? Definitivamente não. Devemos olhar para a frente e comemorar neste Natal o nascimento das idéias de Cid Issa em nossos corações".

O AMOR DESCONCERTA O MUNDO

Márcia Tiburi, 32 anos, é professora do PPG de Filosofia. Mãe da Maria Luiza, seis anos, a filósofa está retomando atividades plásticas como desenho e gravura, além de se dedicar a escrever. Márcia assume que a curiosidade é sua doença e que encontrou na filosofia o chão mais adequado para essa curiosidade. Formada em Filosofia pela UFRGS, aos 20 anos, Márcia, aos 24 anos, já era mestre em Filosofia, pela PUC e, aos 29 anos, doutora em Filosofia.

"Lastimo que o Natal tenha-se transformado numa festa capitalista, como todas as festas. Acho muito bonita a idéia do Natal como nascimento de Jesus Cristo em nosso mundo. Mesmo para quem não pratica o cristianismo, está sob o imaginário e os valores cristãos. No Natal, as pessoas se tornam mais sensíveis. Há uma exigência social de felicidade construída como padrão pelo capitalismo e, no final do ano, final de um ciclo, as exigências desse padrão se tornam muito pesadas. Há um padrão de presente, de festa, que não é a partilha de um sanduíche, porque tanto o presente quanto a partilha na ceia teriam um valor simbólico muito importante. Só que o modo como a ceia acontece, é conduzido pela propaganda. Fora desse padrão, as pessoas não podem se compreender e se sentem menosprezadas. O Natal tem algumas coisas muito bonitas como o nascimento de Jesus Cristo, por exemplo. Comemorar a idéia de um Deus que se fez humano, que partilhou o nosso sofrimento é algo muito rico. Por outro lado, a idéia de interrupção do tempo é muito interessante. Todas as pessoas têm necessidade de ritualizar, de reviver um momento ancestral carregado de significado e simbolismo e, na atualização desse rito, paramos no tempo e somos obrigados a pensar nesse momento. Claro, isso é solapado pelo capitalismo. Aniversários, Natal, Ano Novo, Páscoa são momentos em que os sujeitos são chamados pelas festas para pensar. A questão dos presentes também tem seu valor, não é uma mera troca de mercadorias. Dar presente é algo muito bonito, só que já não é valorizado como uma dádiva. Para dar um presente temos que nos colocar na perspectiva do outro. Hoje os presentes são sinônimos de dar coisas caras, torna-se uma troca financeira e não de valores. Eu prefiro não dar um presente, se não consigo parar e me situar na pessoa.

Sobre Jesus Cristo, diria que o conheço pouco. A palavra desse sujeito foi pouco compreendida; nosso tempo ainda não a digeriu. É muito difícil ser cristão, como disse Nietzsche: "O único cristão morreu na cruz". Especialmente o amor ao próximo, se as pessoas realmente amassem umas às outras, o mundo seria bem diferente. Para dar amor, é preciso romper com a inveja, com o instinto de autoconservação, com o desejo de poder, é preciso considerar que o outro é igual a ti. São tantas as pessoas que operam no registro do ódio que criam esquemas do tipo ou eu ou tu, eu sou bom, tu és mau. Eu me dou conta, no cotidiano, de que, quando uma pessoa dá ódio, e a outra lhe devolve amor, a primeira fica completamente desconcertada. Acho que isso é dar a outra face. As pessoas aprendem a viver na guerra, por isso viver o amor e a alegria é revolucionário."

ENTRE A FÉ E AS DÚVIDAS

Carlos Alberto Gianotti, 55 anos, é professor de física, casado com Suzana, há 32 anos, tem cinco filhos e é Diretor da Editora Unisinos. Gianotti, que se considera refém de um confessionalismo católico familiar anterior, diz não poder dizer-se crente, mas também não se autoriza a dizer que não crê. O professor apresenta-se como agnóstico, no sentido de aquele que tem dúvidas.

“O Natal celebra o nascimento de quem disse ser o Caminho, a Verdade e a Vida, de quem foi o germe do cristianismo. Ter fé é um dom. Quer dizer, para além do mero aparato lingüístico, perceber interiormente o significado de Caminho, Verdade, Vida. E de Ressurreição.

Para dizer-me alguém de fé, significaria ter me apossado, incondicionalmente, dos desígnios de Caminho, Verdade, Vida. Como até agora não me apossar, no Natal, vejo-me envolvido por este sentimento natalino corriqueiro à maioria, que, sem embargo, tem mínima expressão espiritual.

Há, nas Festas Natalinas, uma subjetividade que vale a pena considerar. Está escrito: No fim, tudo é vaidade. Na verdade, na verdade, a pessoa humana vive seu dia-a-dia tentando atingir uma boa localização na mente dos demais. Para alcançar esse lugar de honra, sem que nos apercebamos, valemo-nos de muitas artimanhas. O Natal aparece, então, como um intervalo nesse cotidiano, um momento de continência nas atitudes e que nos leva à harmonia, uma harmonia sazonal. Como pano de fundo, o consumismo desenfreado de bens posicionais.

Assim, creio que do Natal, hoje, restam-me, bem no fundo, as lembranças do sabor da refeição melhorada, à guisa de ceia, das noites de 24 de dezembro na casa modesta de minha infância, e das homilias, por tudo incompreensíveis, do monsenhor Ballem, nas Missas do Galo, na Capela do Carmo, Cidade Baixa, Porto Alegre, década de 1950”.

UM FERIADO PARA OS JUDEUS

O **Rabino Henry Sobel** é desde 1983 presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista, São Paulo. Nascido nos Estados Unidos, o Rabino mora no Brasil há 33 anos e é bacharel em Literatura Hebraica e mestre em Letras e Ordenação Rabínica. Coordenador da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judáico, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, desde 1981; membro da Diretoria da Confederação Israelita do Brasil e diretor para Assuntos Inrter-Religiosos; membro da Comissão Especial de Apuração de Patrimônios Nazistas, sob os auspícios da Presidência e do Ministério da Justiça do Brasil e presidente da Comissão de Ética e Direitos Humanos da Confederação Israelita do Brasil. Rabino Henry Sobel concedeu uma entrevista telefônica de São Paulo ao *IHU On-Line*, falando sobre o Natal e a pessoa de Jesus Cristo. Para o Rabino, o Natal é um feriado que proporciona uma conscientização de que judeus e cristãos são irmãos e têm o desafio de construir juntos um futuro melhor para a humanidade.

“Natal é um feriado maravilhoso. Nós, judeus, não acreditamos que Jesus tenha sido mais divino que outro ser humano. Deus é Deus e o homem é homem e, entre eles, há uma distância intransponível. Isso não é um pré-conceito contra Jesus. Ele nasceu e morreu como judeu e foi um grande líder do judaísmo. Mas, nenhum de nossos líderes é considerado divino ou imortal ou Filho de Deus. A Torah afirma insistentemente o caráter humano dos líderes do povo judeu. Nossos heróis são gente como a gente: livres e imperfeitos. A figura de Jesus tem sido, infelizmente, um empecilho entre Cristãos e Judeus. Uma justificativa para a exclusão mútua, para a rivalidade e o ódio. É de fundamental importância que Jesus seja reconhecido como elo essencial entre os dois credos. A Igreja de Cristo está enraizada na vida, no pensamento e nos ensinamentos dos profetas. Jesus é o elo, através do qual, toda a cristandade passa a ser incluída como descendência de Abraão, co-herdeira junto com os judeus. O fato de existir diferenças entre judeus e cristãos não deve e não pode nos impedir sermos irmãos e lutarmos juntos pelos grandes e nobres objetivos universais. Temos opiniões, idéias e convicções diferentes, porém muito mais importante que as diferenças é o amor que nos une. Compartilhamos o sonho sublime de um mundo no qual pessoas de todos os credos, raças e ideologias possam viver em harmonia como filhos de Deus. Não existe um Filho, somos todos filhos. Os judeus e cristãos temos duas coisas fundamentais em comum: a crença em Deus criador e Pai de toda a humanidade e uma herança ética de princípios e valores morais. Não estamos aqui para competir, e sim para sermos parceiros e aliados na tarefa de iluminar o mundo”.

O NATAL DO POETA

Fabrizio Carpinejar é poeta, jornalista e mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Filho de poetas, Fabrício, atualmente, trabalha na Assessoria de Imprensa da Unisinos. É autor dos livros *As Solas do Sol* (Brasil: Bertrand, 1998), *Um Terno de Pássaros ao Sul* (Escrituras Editora, 2000), objeto de referência nos *The Book of the Year 2001/2002* da Encyclopaedia Britannica, *Terceira Sede* (Escrituras Editora, 2001) e *Biografia de uma Árvore* (Escrituras Editora, 2002) que foi apresentado no *IHU Idéias* de 26 de setembro de 2002. O *IHU On-Line* publicou um conto - *Novíssimo Testamento, do livro acima citado* - e uma entrevista no número 27 dia 22 de julho de 2002 páginas 1 a 5.

“Natal é quando as aparências desaparecem, ficando somente uma sensação interminável de nascimento. Tudo o que não vingou durante o ano, que não era para ter acontecido, as pequenas inimizades, vão deixando lentamente a insistência dos ouvidos. Permanece um assobio suave. Um silêncio musical que nos permite escutar novamente o batimento cardíaco. Tanto faz o destinatário da mensagem. Não existe hierarquia, classes, tribos, segmentos. A eletricidade do afeto puxa até os desavisados. Não é época de prestação de contas, de cobrar resultados, mas de se doar inteiramente. Natal é o momento em que não olhamos para o lado para conferir se vale a pena dar as mãos, se vale responder, se vale amar, se vale trabalhar. A família se torna maior do que as cadeiras em

torno da mesa, um único rosto, susto, diante da chama. Um espanto próprio da alegria, de reencontrar a fé nas palavras. A data tem um significado especial: minha filha Mariana nasceu no dia 26, logo depois da celebração, reafirmando a infância, o gosto de vento e das janelas acesas. Sou os olhos de meus filhos, percorrendo os quartos e a sala à procura de uma surpresa. A surpresa de estar vivo"

SEMPRE HÁ LUGAR

Ana Elizabete Pedroso, 41 anos, é dona de casa, desde que ficou desempregada no início deste ano. Ela mora numa pequena casa da Vila Duque com seu companheiro e nove filhos que estão entre os três e os 20 anos. Natural de Cachoeira do Sul, Ana chegou a São Leopoldo com um tio, aos 11 anos de idade. Para ela, o Natal tem dois significados fundamentais: o encontro familiar e a vivência religiosa.

"Celebramos o nascimento de Jesus, criamos um bom ambiente com músicas de Natal e a família toda se reúne. Tem gente que vem de longe. Ficamos em casa até tarde e conversamos. Às vezes, vou à Igreja e se não dá, faço oração em casa. Para mim, Jesus e Deus são uma companhia permanente. Ele me deu muitas coisas importantes. Lembro quando minha casa encheu de água, eu pensava: "Meu Deus, como vou sair desta?" e, pouco tempo depois, meu tio me ofereceu uma outra casa.

Natal é também um momento de lembrar as alegrias. Neste ano, eu ganhei mais duas netas. E sempre tem lugar para mais um. No outro dia, apareceu minha sobrinha com uma amiga de 17 anos cuja mãe a tinha mandado embora de casa. Eu não tinha como deixá-la ficar na rua e está morando conosco".

Maristela, 17 anos, é filha de Ana e mãe de Viviane de 3 meses. Para ela, o Natal traz alegrias e também tristezas.

"É o primeiro Natal com minha filha, porque ela acabou de nascer. É bom, porque a família se reúne, mas também sentimos a falta das pessoas que se foram".

O NATAL DE UMA FEMINISTA

Considerada uma militante feminista, Clair Ziebel, nascida no município de São Lourenço do Sul, é assistente social, professora do Curso de Serviço Social na Unisinós, trabalha também no Setor de Extensão que presta assessoria ao movimento de mulheres e organizações comunitárias. Ela também é educadora feminista numa ONG com sede em São Paulo chamada de Rede Mulher de Educação. A professora, que diz ter-se descoberto feminista nos últimos anos, teve uma origem ligada ao catolicismo e uma juventude engajada em grupos de jovens e pastorais sociais, passando por movimentos de meninos de rua e, posteriormente, grupos de mulheres.

"No tempo de Natal, procuro me aproximar dos grupos que mais contagiam a minha fé e a minha esperança. Com os meninos de rua, por exemplo, aprendi o que é a luta e a esperança ativa e a inquietação permanente diante das injustiças. Sou filha de pescador, tenho minhas raízes nas classes populares. Compartilho com muitas pessoas a fé e a esperança em

outro mundo. No dia de Natal, a família se reúne e tentamos não ficar meramente no consumismo. Para mim, Jesus Cristo não está só no rosto de cada pessoa, está além. Às vezes, horizontalizamos muito a Deus e nos esquecemos de toda a dimensão sobrenatural, mitológica e cósmica. Alguma coisa está faltando na nossa religiosidade”.

COMEÇAR DE NOVO

Vanderlei Carlos Dreier trabalha no Setor de Pintura da Diretoria de Administração do Campus - DCAM da Unisinos. Para ele, Natal é um tempo para recomeçar a vida.

"Natal, para mim, é um novo começo, com mais prosperidade de vida, apesar de que está difícil o Brasil de hoje. Celebro o nascimento de Jesus Cristo e a fé nele. É legal ter a família reunida, com alegria, paz e união. Na época do Natal, procuro dar o máximo de mim para a família, os colegas e as pessoas mais necessitadas, seja com um presente, seja com um sorriso de Feliz Natal”.

DESCANSO INTERIOR

Bernadete Elger, funcionária do Setor de Proteção e Risco da Unisinos. Estudante de Educação Física, ela considera o Natal uma de suas festas preferidas.

"Natal é renovação da vida e da fé. Por ser próximo do final do ano, é também oportunidade para recarregar as baterias para o ano novo, que trará novos sonhos e perspectivas. O que me motiva a celebrar a data é o renascimento de Jesus Cristo no coração da gente, reacendendo a chama. No dia do Natal vou à missa. Se não consigo, rezo em casa mesmo, converso com Deus. É preciso celebrar essa vida que nasce”.

NATAL DOS ESTUDANTES

Marcio Hoff mora em Novo Hamburgo, é estudante de Ciências Sociais na Unisinos e Educador do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade. Cristão praticante, Márcio vê o Natal como uma das festas mais importantes.

“É o momento que celebramos e reafirmamos o nascimento do homem que mais revolucionou o mundo nos últimos dois mil anos: Jesus Cristo. Este momento é muito importante, porque reafirmamos o nosso compromisso como cristãos comprometidos com o Evangelho. Natal é quando conseguimos “despapainoelizar” o nosso espírito. Na noite de Natal, nossa família se reúne em torno do pinheirinho e do presépio e fazemos uma pequena celebração. Cada um diz o que está sentindo naquele momento, rezamos e cantamos Noite Feliz. O pai ensinou isso para a gente desde pequenos. Agradecemos e fazemos nossa reflexão de Natal dessa forma. Quero passar isso para meus filhos também”.

Thomas Hartmann é aluno do Curso de Jornalismo e estagiário da Agência Experimental de Comunicação, AGEXCOM. Para Thomas, o Natal é um dia de reflexão.

"Minha família costuma se reunir no Natal, para passar essa celebração juntos. Não importa onde estejamos, o importante é ter conosco aqueles que amamos. E a família é uma representação do maior amor que se pode ter, o fraternal. Eu celebro toda a existência. Não penso tanto em Deus ou em Jesus Cristo, apesar de ser católico. Eu penso mais em tudo aquilo que existe de importante: amigos, família, sociedade e também em toda a aflição, a dor... Penso na alegria e no sofrimento que vejo todos os dias do ano e em cada cena do cotidiano. E celebro, no Natal, a vida. Direita ou torta, certa ou errada, mesmo assim ela é o que há de essencial. Eu acredito que, ao longo dos anos, o significado do Natal tem mudado bastante. Já não se pode dizer que se trata apenas de uma festa religiosa. É, também, um forte apelo comercial. Com isso, o significado religioso acabou ficando um pouco como pano de fundo nesses últimos anos. Digo isso porque essa mudança de valores está, de certa forma, refletida na maneira como eu penso o Natal. Para mim, a festa é um feriado. Mas não um feriado comum, daqueles que se pega o carro e vai para a praia. É um feriado em que estamos mais afeitos às reflexões que, no dia-a-dia, acabamos não fazendo. Enfim, é um dia no qual deixamos de lado as nossas atividades rotineiras para repensar toda a nossa trajetória e verificar aquilo que está ao nosso alcance, o que podemos fazer para reverter a situação difícil da maioria das pessoas deste mundo. É um dia para reflexões".

ACONTECE

Agenda 2003

No dia 3 de janeiro de 2003, a Universidade recebe a visita do Prof. Daniel Navas Vega, chileno, doutor e pós-Doutor em Ciências Políticas e mestre em Administração de Empresas. Ele virá ministrar um curso para as duas turmas do Curso de Especialização em Cooperativismo - Cescoop 26 - e para o Curso de Especialização em Gestão e Cooperativas Médicas - Cegecoop. O evento acontece no turno da tarde, no Auditório Maurício Berni, Centro de Ciências Jurídicas e está aberto para demais interessados.

Na primeira parte do curso, o palestrante desenvolverá o tema *visão do cooperativismo no mundo e sua contribuição ao desenvolvimento da economia mundial nas próximas décadas*. No segundo período, o tema será *situação atual do cooperativismo na América Latina e sua importância no desenvolvimento da região*.

No período da manhã, Navas Vega participa de uma reunião no PPG em Ciências Sociais Aplicadas e na Cátedra Unesco da Universidade.

União faz a vida

No dia 10 de dezembro, o professor Otto Konzen, do GT Cooperativismo, representou a Unisinos no Fórum de Universidades Participantes do Programa A *União Faz a Vida*, realizado no Campus da Sociedade Educacional Três de Maio, Setrem, município de Três de Maio. A pauta do encontro foi a metodologia do Programa para 2003.

Políticas públicas-

Juventude em pauta

O texto a seguir foi construído pela Prof. Valburga Streck, professora do Curso de Especialização em Juventude. A professora participou do Seminário de Políticas Públicas - Juventude em Pauta, acontecido de 26 a 29 de novembro, em São Paulo.

De 26 a 29 de novembro, realizou-se em São Paulo o Seminário Políticas Públicas – Juventude em Pauta, promovido pela Ação Educativa e pela Friedrich Ebert Stiftung. Com o objetivo de promover o debate sobre aspectos cruciais da juventude para políticas públicas de juventude, participaram representantes de ONGs, gestores públicos, organizações juvenis e pesquisadores. Num total de 240 participantes, as vagas foram distribuídas de tal forma que couberam 30% delas respectivamente para as entidades e 10% para as Universidades.

A preocupação com a temática juventude e em debater políticas públicas se deve ao fato de que 19,6 % da população brasileira se encontra entre 15 e 24 anos de idade. É o maior contingente de jovens na história populacional do país que vive a “onda jovem”, motivada pela “onda de fertilidade” dos anos oitenta. Para o ano de 2005, está projetada uma população de 102.347.048 de jovens entre 14 a 25 anos. Isso faz esta população particularmente vulnerável à exclusão social nunca vivenciada anteriormente. No Brasil, em especial, observa-se um pico de jovens com uma média de 17 anos. Destes, apenas 13,6% estão cursando o ensino superior e mais da metade dos adolescentes com menos de 14 anos está fora dos bancos escolares. É lamentável que 21,6% dos jovens entre 14 a 24 anos são analfabetos. Este índice será maior se o conceito “analfabetismo” for qualificado.

Infelizmente, temos voltado a atenção para as crianças e não percebemos que é necessário investir no jovem. Falar na “onda jovem” deve vir junto com a pergunta se queremos ver esta onda jovem como um risco ou queremos vê-los como uma esperança para o país. Por isso precisamos sair do séc. XX e ir para o séc. XXI, ajudando estes jovens nesta travessia. Durante o seminário foi enfatizada, várias vezes, a importância de ver esta geração de jovens como a solução dos problemas do país. Isso, porém, só acontecerá quando os adultos se derem conta da importância desta geração.

Infelizmente, apenas algumas Ongs estão voltadas para os jovens. Conforme Márcio Pochmann, Secretário do Trabalho do Município de São Paulo, um dos palestrantes do seminário, o capitalismo brasileiro escondeu o tema Juventude. É frustrante que tenhamos tão pouco a dizer sobre o assunto. Segundo ele, ao

contrário da Europa, onde há muitos estudos e Observatórios de Juventude, no Brasil os acadêmicos pouco se interessam, e as universidades estão totalmente ausentes. Várias vezes, somos perguntados sobre a relevância do tema, e alguns acham que o assunto tem pouco ou nada a ver com políticas sociais. Outros acham, inclusive, que ser jovem é algo que é de todos, imitando a moda do continente europeu onde, pela falta dos jovens, a população que envelhece compensa com o sentir-se jovem. Para Pochmann, os nossos jovens devem ser a solução do nosso país. Afinal temos a quinta maior população jovem do mundo e por isso precisamos potencializar esta fase. Não se justifica que os nossos jovens apareçam em segundo lugar nas estatísticas do pessimismo em relação ao futuro.

Chamou atenção de forma especial que a maioria dos participantes do Seminário, sejam eles secretários de estado, representantes de Ongs ou de Universidades mencionassem, na sua apresentação, sua passagem pela Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Percebe-se com isso que a PJ teve, e ainda tem, um papel importantíssimo no trabalho com os jovens, sendo por isso reconhecida nos diferentes espaços que lidam com a população jovem. Lembro também que na Unisinos temos o único curso de Especialização em Juventude em parceria com o Instituto de Pastoral da Juventude. O debate sobre as Políticas Públicas para a Juventude estará na pauta no próximo governo, ajudando para que nossa geração de jovens possa realmente ser a esperança do país com o qual sonhamos.

Profa. Valburga Schmiedt Streck, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Coordenadora do Curso de Especialização em Juventude - Unisinos, e Articuladora do Grupo Temático Juventude e Família do IHU

Livros & Artigos

Livro da Semana

UM JUDEU MARGINAL. REPENSANDO O JESUS HISTÓRICO
JOHN P. MEIER

MEIER, John P., *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus Histórico I-II*, traduzido do inglês por Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993-1998, vol. I: 483 p., vol II, livro I: 311 p.; vol. II, livro II: 348 p.; vol. II, livro III: 711 p.

No último número do nosso boletim, às vésperas do Natal, apresentamos novamente o livro de John P. Meier, *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus Histórico*. Este livro nós o apresentamos no *IHU On-line*, nº 28, 29 de julho de 2002, p. 9, quando foram publicados os dois volumes da tradução italiana. Voltamos a apresentar o livro, traduzido em português em quatro volumes, pois ele representa a primeira tentativa de tratamento rigorosamente científico, em ampla escala, do "Jesus histórico", por parte de um católico americano estudioso da Bíblia.

Por "Jesus histórico", Meier, professor de Novo Testamento na *Catholic University of America*, em Washington, D.C., entende o Jesus que podemos resgatar ou reconstruir, mesmo fragmentariamente, usando os instrumentos da moderna pesquisa histórica. Eis algumas das questões que Meier enfrenta: Jesus foi concebido sem pecado? Teve irmãos e irmãs? Era casado ou solteiro? Era iletrado? Sabia hebraico e grego, tanto quanto aramaico? O resultado desta ampla pesquisa é um relato sóbrio e bem fundamentado da vida de Jesus. Sem nos esquecermos de que esta é também uma contribuição importante para o diálogo ecumênico.

Traduzimos e transcrevemos, a seguir, a breve resenha, publicada pela agência de notícias italiana *Adista*, nº. 83, 25-11-02 sobre a publicação do segundo volume que, em português, corresponde a três livros com mais de 1700 páginas.

“Depois de ter analisado, no primeiro volume, a figura de Jesus até a sua maturidade, no segundo volume Meier (teólogo católico americano, professor do Novo Testamento na Notre Dame University, ex-presidente da Associação Bíblica Católica dos EUA e diretor da revista *Catholic Biblical Quarterly*) examina as palavras, as obras e os gestos considerados milagrosos de Jesus durante o seu ministério público. E para afrontar o complexo tema dos milagres, Meier precisa: “Se não queremos jogar fora os critérios da historicidade a favor de um Jesus ilusório que confirma os gostos religiosos de cada um, estes critérios nos impõem a imagem de um hebreu palestino do século I capaz de realizar ações surpreendentes, que tanto ele quanto alguns dos seus ouvintes consideraram obras poderosas e miraculosas. Extrapolando estas obras do ministério público do Jesus histórico significa eliminar grande parte daquilo que para ele era fundamental”. Pelo contrário, “com a única exceção da distribuição do pão à multidão, todos os outros relatos etiquetados incorretamente como ‘milagres sobre a natureza’ parece que foram criados pela Igreja primitiva em função de vários objetivos teológicos”. Entre estas duas afirmações se localiza todo o interesse do trabalho ingente de John Meier.

O exigente método histórico-documentativo permite ao autor obter um amplo consenso de estudiosos tanto judeus, protestantes, agnósticos e católicos, quanto ao fato que os ditos e as ações milagrosas atribuídas a Jesus têm fundamentos históricos, muitas vezes seguros, outras vezes incertos e, às vezes, sem qualquer fundamento. Enfim, Meier se opõe a dois *a priori*: aquele cético-racionalista, que está preso à velha perspectiva do universo, considerado como uma ‘máquina newtoniana’, regida por leis imutáveis e eternas, em contraste com a visão ‘quântica’ que se caracteriza pelo ‘princípio da indeterminação’, e por aquele ‘fideísta’ que considera toda e qualquer fé ser inquestionável e toda distinção entre um programa histórico-científico e um religioso-teológico, sem sentido.

Somente depois de ter-se liberado destas duas posições paralisadoras, Meier se pergunta, com serenidade, se os milagres atribuídos a Jesus (6 exorcismos, 17 curas e ressuscitamentos, 8 milagres sobre a natureza) são eventos com dignidade histórica ou elaborações da Igreja primitiva.

Depois de ter analisado as obras de mais de mil autores (rigorosamente citadas em páginas e mais páginas), Meier conclui que não pode haver qualquer dúvida de que Jesus realizou gestos extraordinários, considerados por ele e por outros como milagres. Isso vale, porque há incertezas sobre a historicidade dos detalhes de cada relato, tendo em conta “as muitas intervenções literárias e de imaginação teológica

que se sobrepuseram umas às outras” e as imprecisões dos diagnósticos que caracterizava a medicina de dois mil anos atrás.

Ainda mais difícil é o discernimento dos milagres de ‘ressuscitamento’ de pessoas consideradas ‘defuntas’: no caso da filha de Jairo, Meier admite que o evento milagroso poderia não ser tal como é relatado, já que não se pode excluir que ela se encontrasse num estado que hoje chamaríamos de comatoso. No que diz respeito ao filho da viúva de Naim e de Lázaro, Meier tende a pensar que se trata de episódios acontecidos na vida do Jesus histórico, ainda que não seja possível saber o que realmente tenha acontecido nos dois eventos.

O autor, no entanto, não tem dúvidas quanto aos ‘milagres da natureza’, que não respondem aos cinco critérios de confiabilidade histórica. O único milagre que deixa perplexo a Meier é o da ‘multiplicação dos pães e dos peixes’ que, narrado por várias fontes, parece se referir a um acontecimento memorável com a participação de uma grande multidão, mas onde não é possível estabelecer o que realmente aconteceu de milagroso.

Um livro como *Um judeu marginal* pode purificar a fé cristã muitas vezes impregnada, em demasia, pelo ceticismo ou por um ‘milagrismo’ sob encomenda”.

ONDE JESUS NASCEU?

Segundo John P. Meier, “Jesus de Nazaré nasceu - mais provavelmente em Nazaré, e não em Belém - por volta de 7 ou 6 a.C., alguns anos antes da morte do Rei Herodes, o Grande (4 a.C.). Após ter sido educado de forma convencional numa família devota de camponeses judeus da Baixa Galiléia, ele foi atraído para o movimento de João Batista, cujo ministério começou na região do Vale do Jordão, entre o final de 27 ou começo de 28 a.C.; batizado por João, logo Jesus seguiu seu próprio caminho, iniciando seu ministério ainda em 28, com a idade de 33 ou 34 anos. Regularmente ele dividiu sua atividade entre a região da Galiléia e Jerusalém (incluindo a área adjacente da Judéia), dirigindo-se para a cidade santa para as grandes festas, quando as grandes multidões de peregrinos lhe proporcionariam um público que, de outra forma, ele não conseguiria atingir. Seu ministério se prolongou por dois anos e alguns meses.

Em 30 A.D., estando em Jerusalém para a festa da Páscoa que se avizinhava, Jesus aparentemente sentiu que a crescente hostilidade entre as autoridades do templo e ele estava prestes a alcançar seu clímax. Jesus celebrou uma solene ceia de despedida com seu círculo mais íntimo de discípulos, ao anoitecer da quinta-feira, 6 de abril (pela nossa contagem atual), quando começava o décimo quarto dia de Nisan, o dia de preparação para a Páscoa (de acordo com a contagem litúrgica judaica). Preso em Getsêmani, na noite de 6 para 7 de abril, ele foi primeiro inquirido por alguns funcionários judeus (pouco provavelmente por todo o Sinédrio) e depois entregue a Pilatos na madrugada de sexta-feira, 7 de abril. Pilatos prontamente o condenou à morte na cruz. Depois de flagelado e humilhado, Jesus foi crucificado no mesmo dia, nos arredores de Jerusalém. Morreu na sexta-feira, 7 de abril de 30, com a idade de 36 anos aproximadamente”.

(MEIER, J. P., *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus Histórico. Volume Um: As Raízes do Problema e da Pessoa*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 401-402.)

QUANDO JESUS NASCEU?

John P. Meier, *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus Histórico*, no volume I, capítulo 11, nota 24, observa:

“O paradoxo de Jesus ter nascido em alguma data anterior a 4 a.C. se deve ao nosso atual sistema de contagem dos anos, a.C. ('antes de Cristo') e d.C. ('depois de Cristo')

ou A.D. (*anno Domini* = 'no ano do Senhor [Jesus]'), estabelecido pelo monge Dionísio Exíguo. Na primeira metade do século VI A.D., Dionísio sugeriu que os cristãos deveriam contar os anos a partir do nascimento de Cristo, e não do reinado do Imperador Diocleciano (notório por sua perseguição aos cristãos) - isto para não falar da contagem a partir da tradicional data da fundação da cidade de Roma (A.U.C. [*ab urbe condita*], que corresponderia a 753 a.C. no nosso atual sistema de contagem). Infelizmente, a aritmética de Dionísio não estava no mesmo nível de sua devoção; ele calculou erradamente o ano da morte de Herodes (dessa forma antecipando as posições de alguns exegetas do século XX) e, em decorrência, o ano do nascimento de Jesus. Dionísio considerou que 1 A.D. fosse equivalente a 754 A.U.C., errando por quatro anos no mínimo, pois Herodes morreu em 750 A.U.C." O mesmo autor, tratando das narrativas da infância de Jesus segundo Mateus e Lucas, vai dizer: "Será que as Narrativas da Infância têm algo a contribuir para o nosso conhecimento do Jesus histórico? Alguns exegetas responderiam: "Praticamente nada. Contudo, um julgamento totalmente negativo pode ser muito radical".

E continua dizendo que a teoria mais bem aceita sobre a relação entre os evangelhos sinóticos mostra que Mateus e Lucas não se conheceram. Além do que as narrativas da infância são bem diferentes entre si. Em que isso contribui?

"Quaisquer concordâncias entre os dois (Mateus e Lucas) nessas narrativas se tornam historicamente significativas, em especial quando o critério da múltipla confirmação é invocado. Essas concordâncias em duas narrativas independentes e profundamente contrastantes representariam, no mínimo, um recurso a uma tradição mais antiga, e não à criação dos evangelistas (...) Por exemplo, apesar de todas as suas divergências, tanto Mateus como Lucas situam o nascimento de Jesus durante o reinado de Herodes, o Grande (37-4 a.C.; cf. Mateus 2,1 e Lucas 1,5)".

Para concluir: "A correlação de Mateus 2 e Lucas 3,23 torna provável - embora não certo - que Jesus tenha nascido poucos anos, e apenas poucos, antes de 4 a.C."

Artigo da Semana

Reproduzimos o artigo publicado na página da Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler, disponível no endereço: <http://www.fepam.rs.gov.br/>

MATERIAL SOBRE PIONEIRO ECOLOGISTA É REPASSADO AO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL

Com o objetivo de preservar e de disponibilizar ao público parte do patrimônio e da história do Movimento Ecológico Gaúcho, a *Fundação* Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) está repassando ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, por meio de uma parceria com a Secretaria da Cultura, grande quantidade de material sobre o pioneiro ecologista Henrique Luiz Roessler, patrono do órgão ambiental. São cartazes, panfletos, fotos, documentos oficiais assinados e outros que testemunham o trabalho de uma vida que deu origem ao movimento ambientalista no Estado e no Brasil.

O repasse do material será oficializado durante cerimônia nesta quinta-feira (12), a partir das 14h, no Salão Negrinho do Pastoreio do Palácio Piratini (Praça Marechal

Deodoro, s/n.º, centro de Porto Alegre). Na ocasião, serão lançadas as Resoluções da Confema 2002 (Conferência Estadual do Meio Ambiente) e assinado o Decreto de Criação do Parque Estadual de Itapeva, em Torres. Estarão presentes: o governador Olívio Dutra; os secretários estaduais do Meio Ambiente, Claudio Langone e da Cultura, Luiz Marques; o diretor-presidente da Fepam, Nilvo Luiz Alves da Silva; outras autoridades públicas; Maria Luiza Roessler, neta do pioneiro ecologista; além de ambientalistas e interessados na causa ecológica. O evento será aberto ao público.

A história moderna mostra que a preocupação com a degradação ambiental em nosso país não é recente e nem exclusiva dos ecologistas. Ainda na época de Colônia Portuguesa, alguns brasileiros já manifestavam seu descontentamento com o uso irracional dos recursos naturais e alertavam sobre os efeitos que isso poderia ter para o futuro do país. “Destruir matos virgens, e sem causa, como até agora se tem praticado no Brasil, é extravagância insofritável, crime horrendo e grande insulto feito à natureza. Que defesa produziremos no tribunal da razão quando nossos netos nos acusarem de fatos tão culposos?”, perguntava José Bonifácio, em 1821. (Da obra *Um Sopro de Destruição*, de José Augusto Pádua, 2002). Na época, no entanto, suas palavras não encontraram eco numa ação prática em benefício da preservação.

Quase uma década após a Abolição da Escravatura, no dia 16 de novembro de 1896, nascia Henrique Luiz Roessler, em Porto Alegre. Com pouca idade, foi levado pela família para o município de São Leopoldo, no Vale do Rio dos Sinos. No fim da década de 30, deixando um pouco de lado a rotina burocrática, começa efetivamente seu trabalho em defesa do ambiente gaúcho. Atuando como voluntário, obteve o cargo de Delegado Florestal para o Rio Grande do Sul, quando desenvolveu ampla ação contra a caça e a pesca predatórias, contando com quase 400 colaboradores em várias regiões do Estado. Com essa atividade, obteve amigos e inimigos. Esses últimos fizeram com que o ecologista fosse demovido de seu cargo por exercê-lo gratuitamente.

Em 1953, passou a escrever artigos para o Suplemento Rural do Correio do Povo. Ele publicou mais de 300 crônicas para o veículo até 1963. Seus textos eram incisivos e abordavam temas recorrentes, como queimadas, caça ilegal, desmatamento e reflorestamento, escassez de peixes, poluição industrial, arborização urbana, questão indígena, crescimento descontrolado das cidades. Em 1º de janeiro de 1955, tornou-se fundador e principal ativista da provável primeira entidade ambientalista do Brasil a União Protetora da Natureza (UPN).

A Fepam (instituída pela Lei 9.077/1990 e implantada em dezembro de 1991) tem suas origens na Coordenadoria do Controle do Equilíbrio Ecológico do Rio Grande do Sul, criada na década de 70, e no antigo Departamento de Meio Ambiente da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente, hoje Secretaria Estadual da Saúde. Também é fruto da atuação de Roessler a criação de Ongs como Agapan (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural), Upan (União Protetora do Ambiente Natural) e Movimento Roessler para Proteção Ambiental.

Como testemunha de uma natureza ainda pouco afetada pelas ações do Homem, Roessler observou, com pesar, o avanço do desmatamento, da fumaça das queimadas, do despejo de resíduos nas águas de mares, lagos, rios e arroios. O

processo crescente de degradação do Rio dos Sinos, por onde chegaram ao Brasil os primeiros imigrantes alemães, e também de outros mananciais gaúchos, era motivo de enorme desgosto:

“No verão, quando seu volume d’água fica muito reduzido e não existe correnteza, esse rio (dos Sinos) apresenta todas as características de maciça contaminação, tornando-se a água suja, grossa e malcheirosa de tanta imundície que carrega. Atinge tal grau de saturação de matérias orgânicas e fecais, resíduos cloacais e industriais, substâncias químicas tóxicas e ácidas, que mata não apenas os peixes, mas o consumo dessas águas fortemente poluídas ou um simples banho no rio também oferecem sério perigo à saúde e até à vida de quem delas se serve”, escreveu em 1958.

Henrique Roessler faleceu em 14 de novembro de 1963, não tendo acompanhado e nem combatido o avanço dos agrotóxicos e da monocultura no setor agrícola brasileiro, patrocinado pela chamada Revolução Verde.

Filme da Semana

EDIFÍCIO MASTER
DE EDUARDO COUTINHO

Apresentamos, a seguir, o comentário de Contardo Calligaris, psicanalista, sobre o filme *Edifício Master*, documentário de Eduardo Coutinho. O artigo foi publicado na *Folha de S. Paulo*, 21-11-02. A seguir, pela importância do filme, reproduzimos a resenha do filme publicada na página da Internet www.cineweb.com.br. O filme está em cartaz nos cinemas de Porto Alegre.

EDIFÍCIO MASTER

“Estréia amanhã, no Brasil, *Edifício Master*, documentário de Eduardo Coutinho, o autor de *Santo Forte e Babilônia 2000*.

O Master é um prédio de Copacabana, a uma quadra da praia. São 276 conjugados (23 por andar), em que vivem mais ou menos 500 pessoas (donos ou inquilinos). O aluguel de um apartamento é por volta de R\$ 350, com despesas de condomínio de R\$ 135.

Coutinho e sua equipe ficaram no prédio por um mês, filmando entrevistas. Na montagem final, aparecem os depoimentos de 37 moradores.

Antes de assistir ao filme, ao anoitecer, contemple o tabuleiro das janelas acesas na fachada de um grande prédio. A luz trêmula dos televisores parece sugerir uma banalidade comum. Alguém dirá: são vidas massificadas (sempre subentendendo: à diferença da minha, não é?). Mas as sombras que se movimentam atrás das cortinas falam de existências concretas: quem são nossos vizinhos? Fique mais um pouco na frente do prédio e considere o paradoxo da modernidade urbana: uma extrema proximidade física, vidas que se tecem a poucos metros umas das outras, atrás de uma parede ou de um piso, mas que mal se cruzam. De maneira inédita na história e na variedade das culturas, nós acreditamos que todos são nossos irmãos ou semelhantes. Mas não conseguimos bem explicar por quê e no quê. Os prédios em que moramos são aldeias paradoxais: compartilhamos cheiros, barulhos, gritos, sem por isso saber o que define a nossa tribo; ou seja, sem saber o que temos em comum

ou mesmo sem admitir que tenhamos algo em comum. Até porque, em geral, preferimos curtir a ilusão de nossa unicidade absoluta.

Qual é o comum denominador de humanidade que reconhecemos em nossos vizinhos e semelhantes? Como essa humanidade comum se concilia com a presunção de nossa unicidade? O filme de Coutinho responde. Graças a ele, descobrimos que nossos vizinhos não são exóticos; ao contrário, são banais, mas, apesar disso, suas vidas são tão únicas quanto as nossas.

Em suma, somos todos membros da mesma tribo moderna justamente por isto: porque somos todos únicos. No edifício Master, nos sentiríamos em casa, não apesar da diversidade das escolhas e dos destinos, mas por causa dessa diversidade.

Vera viveu no Master a vida toda, mas teve uma existência cigana, porque passou por 28 apartamentos diferentes: sem deixar o edifício, viu suicídios, assassinatos, mortes, cafetinas e prostitutas. Esther, que foi costureira "da alta sociedade", começou um dia a tirar retratos e ficou encantada consigo mesma. Renata fugiu da mãe que a forçou a abortar e, agora, ela tem um namorado nos EUA. Nadir tem oito netos, toca e canta. Carlos e Maria Regina se amam, mas ele tem mania de olhar para outras mulheres, e ela quis se jogar pela janela. Três jovens querem ser músicos. Oswaldo e Geicy são felizes: encontraram-se pelos classificados, começaram a morar juntos três dias depois e são um casal há 13 anos. Daniela, que viveu em Nova Orleans, EUA, luta contra seu medo de encarar a vida escrevendo poesias em inglês e pintando: ela mostra um quadro intitulado "A Floresta de meu Desespero". Roberto, camelô e aposentado, ainda chora a morte de seus pais. Alessandra sustenta a si mesma e a sua filha fazendo programas: é tão bonita e corajosa que, depois do filme, aposto que receberá propostas de casamento pelo correio. Jasson compôs e canta samba. Fernando José foi ator em mais de 30 novelas e 62 filmes. Cristina foi exilada no Master, junto com o filhinho, pelo pai de classe média alta, revoltado pela gravidez precoce da filha. Maria Pia, espanhola e doméstica, já visitou duas vezes a Europa. Suze foi dançarina e cantora no Japão. Paulo Mata jogou futebol no México, na França, nos EUA e na Venezuela, foi treinador na Arábia Saudita e no Sudão e agora compõe e canta. Eugênia é poeta. E por aí vai.

O Master é um edifício de pequena classe média. Seus moradores são, socialmente, de pequena classe média, mas eles não têm nada de médio e nada de pequeno: são todos heróis. Pela arte de Coutinho, suas vidas, milagrosamente, revelam uma grandiosidade épica.

Henrique emigrou para os EUA com 17 anos. Vive de sua aposentadoria americana, sozinho e modestamente. O que ele conseguiu já deu para os filhos, que residem todos nos EUA. Recentemente, caiu e teve um derrame. Recuperado, canta para nós "My Way" de Sinatra, com entusiasmo e braço erguido. Ao escutá-lo e vê-lo cantar naquele pequeno conjugado de Copacabana, longe de qualquer estereótipo do sucesso, poderíamos perguntar: "Mas qual é seu triunfo, qual o seu orgulho?" A letra da música de Sinatra responde: "Henrique canta e se comove porque viveu do jeito que quis". Orgulha-se e celebra a grandeza de ter vivido e de viver. Só isso, mas não conheço postura mais digna.

P.S. Uma sugestão: se você gostar do filme de Coutinho, ou seja, se você achar graça e grandeza nos heróis do apartamento ao lado e do andar de cima, leia ou volte a ler o livro de Georges Perec, *A Vida - Modo de Usar*".

ARTIGO DE NEUSA BARBOSA/**CINEWEB 22/11/2002**

“O documentarista Eduardo Coutinho faz cinema como quem exerce uma ciência, que é um misto de exata e humana. É tão fluido e natural o modo como ele interage com seus entrevistados, mostrando-os tão soltos e espontâneos na tela como na vida real, como se falassem num confessionário e a câmera e a equipe de filmagem não estivessem nos bastidores.

Mais uma vez, Coutinho consegue esse equilíbrio quase mágico em seu mais recente trabalho, Edifício Master, onde documenta a vida cotidiana de vários moradores de um prédio do bairro de Copacabana.

Não muito tempo atrás, o edifício era um pardieiro, entregue a marginais e prostitutas. O filme acompanha o seu momento de recuperação, com depoimentos de novos e antigos moradores, que comentam seus sonhos, esperanças, trabalhos e, às vezes, problemas bastante complexos.

Uma velha senhora conta que um dia passou momentos de terror com um assaltante que a abordou na rua e a obrigou a subir ao seu apartamento, levando-lhe todas as suas economias, R\$ 8.000. Um casal de 60 anos conta seu romance, iniciado a partir de um anúncio colocado no jornal. Uma moça de 20 anos admite sem pudores que é garota de programa, ao mesmo tempo que fala de sua depressão e de seus sonhos para a filha de seis anos. Uma empregada doméstica espanhola nega a crise social brasileira, dizendo que, a seu ver, "aquí não existe pobreza, só preguiça de trabalhar". O porteiro-chefe relata sua emoção ao encontrar um bebê abandonado no prédio, já que ele mesmo foi filho adotivo. Alguns reclamam de falta de privacidade, solidão, medo da violência urbana.

No final de contas, Coutinho mostra um verdadeiro laboratório humano, flagrado pelo olhar solidário e atento do diretor, que não é o mesmo de um padre, um sociólogo, um psicólogo ou um jornalista, mas mistura todas essas visões. O filme recebeu o troféu de melhor documentário no 30º Festival de Gramado, em agosto de 2002”.

Entrevistas da Semana

Nesta semana, reproduzimos duas entrevistas instigadoras. Uma do filósofo francês Jean-Luc Nancy e outra, do filósofo alemão Peter Sloterdijk.

O MUNDO EM NEGATIVO

JEAN-LUC NANCY

Reproduzimos a entrevista de Jean-Luc Nancy, filósofo francês, concedida ao jornal *Folha de S. Paulo*, 8-12-02. Nancy, 62, é autor de *La Création du Monde ou la Mondialisation* (A Criação do Mundo ou a Mundialização, Ed. Galilée, 23,80 euros), lançado neste ano na França. Trata-se de uma das mais fecundas e fascinantes análises sobre nosso tempo e o nosso destino. Nancy emprega o conceito "mundialização", mais usado pelos franceses, mas no sentido forte. Para ele, a história chegou a um impasse, pois o mundo esgotou sua capacidade de criar um mundo, de "fazer mundo", e "parece ter ganho apenas a capacidade de multiplicar, na potência de seus meios uma proliferação do imundo".

Professor na Universidade de Estrasburgo, Nancy é hoje um dos nomes centrais da filosofia francesa, ao lado de Jacques Derrida, de quem é amigo. Publicou dezenas de livros, como *Le Sens du Monde* (Galilée, 1993) e *La Communauté Affrontée* (Galilée, 2001). Pensador bastante solicitado pela imprensa, por escolas e instituições, tratou de pintura, música, cinema e psicanálise. No Brasil, tem apenas duas obras editadas, *O Título da Letra* (Escuta) e *O Mito Nazista* (Iluminuras), ambas em co-autoria com Philippe Lacoue-Labarthe. Neste mês, lançou *À l'Écoute* (À Escuta, Galilée).

Em Paris, está em cartaz uma peça de teatro, *L'Intrus* (O Intruso), baseada em um livro homônimo de Nancy, no qual ele reflete sobre um transplante de coração a que se submeteu. Foram os cuidados com a saúde que o impediram, a contragosto, mais de uma vez, de visitar o Brasil, para o que foi convidado várias vezes.

Pergunta - A mundialização é também uma crise do Ocidente como civilização que possa "orientar a marcha do mundo", nas suas palavras. Mas aquilo que não é propriamente ocidental, não poderia renovar o mundo?

Jean-Luc Nancy - Acho que há uma grande tentação no Ocidente de encontrar novas fontes, novas idéias, por exemplo, em certas religiosidades orientais, como o zen. Mas eu tenho a impressão de que na história jamais voltamos para trás. Não é procurando novas idéias antigas em forma de pensamento, datadas na história, que se vai renovar o Ocidente. Enquanto isso, uma transformação está, sem dúvida, se produzindo, invisível para nós, no interior do próprio Ocidente e que irá dar em alguma coisa absolutamente imprevisível. Estou profundamente persuadido de que vivemos numa época de mutação comparável ao fim da Antigüidade. É toda uma civilização que chegou ao fim, e nós a vemos hoje como um romano do século 5º enxergava a sua. Ele não tinha nenhuma idéia do que iria se passar e simplesmente constatava que a civilização romana, ou greco-romana, estava desmoronando. Não via que estava começando uma outra cultura, que seria a da Europa cristã.

Pergunta - Existe coincidência entre a crise do Ocidente e a crise do cristianismo ou, mais ainda, dos monoteísmos?

Jean-Luc Nancy - Sim, porque o Ocidente - no sentido próprio - é verdadeiramente ligado ao monoteísmo. A Antigüidade não era ainda de fato o Ocidente. Ela foi, claro, uma condição prévia. Mas o movimento que combinou o judaísmo e o helenismo no cristianismo e mais tarde ainda produziu o islã. Tudo isso estruturou o Ocidente. Talvez, na América Latina, tenha sido diferente, pois conservou-se algo de um certo politeísmo no culto dos santos, mas na Europa o cristianismo é a produção histórica de uma forma de ateísmo. O Deus único é essencialmente retirado do mundo ou é afastado do mundo e passa a ser de tal forma encarnado no homem que, ao cabo, suprime-se toda a referência divina, sagrada. O devir ateu do monoteísmo é a sua verdade, embora não seja um ateísmo na forma em que o materialismo, o marxismo ou o racionalismo o compreenderam.

Pergunta - O Sr. poderia explicar um pouco mais o que entende por devir ateu do monoteísmo?

Jean-Luc Nancy - Sim. Os deuses do politeísmo eram forças que estavam presentes por todo lado. No monoteísmo ocorre alguma coisa que não é apenas reunir muitos deuses num só: o Deus único significa que Deus não está mais presente no mundo. O Deus judeu nunca está lá, não se pode vê-lo nem nomeá-lo. Com o Deus cristão é a mesma coisa, mas sua invisibilidade, sua ausência, é dada no interior do próprio homem, no Cristo como homem-deus. No Cristo, porém, não

se vê senão o homem, pois o invisível é Deus. No islã, o que é surpreendente, há um retorno à invisibilidade, à transcendência absoluta de Deus. Nesse sentido, um Deus que não está mais presente não é mais um deus. O que eu digo não é nenhuma novidade. Schelling (1775-1854), filósofo idealista alemão, já dizia isso em um de seus cursos sobre a filosofia da religião. Quer dizer, o Deus no monoteísmo não é uma presença, mas sim uma ausência. Ele desenha uma abertura na direção de uma ausência. O mundo do monoteísmo é também o mundo ocidental, um mundo onde não há presença fixa assegurada nem limites definidos. O movimento infinito da ciência pertence a esse espaço, ao ilimitado. Não há limite para o saber, para a arte, para a potência do homem, mas também não há limite para a sua infelicidade. O monoteísmo abriu pouco a pouco o espaço de uma civilização que é sem limite, sem pontos de referência.

Pergunta - O que significa a encarnação de Deus em Cristo? A manifestação momentânea da presença de Deus no mundo?

Jean-Luc Nancy - É uma construção muito complicada e estranha, ao mesmo tempo muito popular e intelectual. Justamente por isso é bastante reveladora de algo do Ocidente. Com o cristianismo não há nova presença, não há novo Deus. É o mesmo deus de Abraão, Isaac e Jacó. O que é novo não é o Deus, mas muito mais a regra, o modelo de vida, tudo o que Cristo diz sobre a pobreza, a humildade e também sobre o fato de que a mensagem divina é endereçada a todo o mundo. A novidade do cristianismo é que Deus se manifeste como um homem, mas também que ele não se manifeste mais de todo como um Deus. No cristianismo, há uma espécie de aprofundamento do monoteísmo, porque já não há muito mais o que ver enquanto Deus, mas, enquanto homem, há, sim, bastante. A despedida de Deus é também a chegada do homem - e do homem universal, porque, como diz São Paulo, já não há mais homem nem mulher, nem judeu nem grego, nem homem livre nem escravo. A comunidade de cristãos do início é o germe e o símbolo de uma comunidade universal. Essa pequena comunidade deve se propagar à totalidade da humanidade, pois o cosmopolitismo está inscrito no cristianismo.

Pergunta - Quando se fala em mundialização, portanto, estamos tratando de um processo iniciado com o cristianismo?

Jean-Luc Nancy - Sim, mas no começo os cristãos não se pensavam em termos de mundo e nem mesmo em termos de história. Eles pensavam que o reino de Deus viria muito rápido e que tudo isso iria terminar. Mas esse é o primeiro cristianismo, que é ainda um messianismo e talvez tenha durado até o ano 1000, ao menos no plano do cristianismo popular. Ao mesmo tempo, a história se torna a questão do cristianismo. Eles se perguntam: "O que faremos com ela, a história, se Cristo não voltar logo?" O próprio Cristo, no começo dos Atos dos Apóstolos, diz que vai partir, que vai se reunir ao seu pai, e os apóstolos perguntam a ele quando voltará para instalar o Reino. Cristo responde que esse não é um assunto para eles, que não lhes compete saber quando será o retorno, ou seja, o tempo e o momento favoráveis. Quer dizer, o retorno de Cristo não se pode fixar, não é um assunto dos homens. A partir desse momento, coloca-se a questão da história de uma maneira que nenhuma religião havia colocado antes, porque as religiões sempre estiveram ligadas a uma temporalidade cíclica. O cristianismo coloca a questão da história como duração aberta, indefinida e na realidade sem fim. Claro que, como o fim dos tempos está no infinito, então ele também ocorre a cada momento. Ele se manifesta não apenas na morte de cada homem, mas a cada instante. É isso que eu creio ter sido uma invenção do cristianismo. Evidentemente, tudo se cristalizou muito

lentamente. Apenas nos séculos 14 e 15, com a Renascença, isso irá produzir efeitos sociais, gerando uma civilização verdadeiramente histórica, que dará em seguida na lógica do progresso. Agora, o nosso problema é que chegamos ao fim do progresso. Não acreditamos mais nele de fato, embora continuemos sempre dentro da história.

Pergunta - O que o Sr. quer dizer quando se refere ao mundo como "uma proliferação do imundo"?

Jean-Luc Nancy - Um mundo quer dizer um cosmo. Cosmo em grego significa uma bela ordenação. E sabemos que o mundo, para a Antigüidade, era essa ordenação bem-feita. No judaísmo, por sua vez, não há propriamente o mundo, mas apenas o homem, e o coração do homem é que é ruim, por ser rebelde ao seu Deus. O cristianismo pega as duas coisas - o mundo, sim, mas coloca o mal no mundo, ele pode ser malfeito. Essa é a grande questão do mal que explodiu depois da Renascença. A idéia das Luzes e do racionalismo do século 19 era que o homem poderia, com o seu saber e a sua potência próprios, corrigir o mal humano e mesmo o mal da natureza. Mas foi o contrário que se produziu. O século 20 mostrou que o homem era capaz de um mal muito maior do que tudo o que tínhamos conhecido, de uma vontade de destruição capaz de atingir a própria natureza. Num certo sentido, deixamos, então, de ter até mesmo catástrofes naturais. Mesmo quando há um terremoto, que é a coisa menos sujeita à ação do homem, imediatamente buscamos a responsabilidade dos homens - daqueles que fizeram as construções anti-sísmicas ou daqueles que não puderam prever o desastre, com seus instrumentos de análise. É nesse sentido que há o imundo: isso não é mais o mundo, nada é mais natural, não há senão a técnica. A técnica não é forçosamente ruim, mas ela não produz um mundo novo. E nossa questão é que não haja um mundo novo. Havia um novo mundo para o mundo antigo, que foi a América, mas agora estamos todos num velho mundo - e esse mundo já não é mais exatamente um mundo.

Pergunta - Os Estados Unidos são o acabamento da civilização ocidental ou uma cultura que, por sua potência técnica, aponta ainda para um novo mundo?

Jean-Luc Nancy - Eles são a ponta mais avançada do Ocidente, ao mesmo tempo em que são o seu questionamento. Os protestantes são a forma mais atéia e mais subjetiva do monoteísmo. Nos Estados Unidos, colocou-se, numa natureza praticamente virgem, o sujeito ocidental em sua relação exclusiva consigo mesmo. Deus lá é de uma abstração inacreditável e ao mesmo tempo funciona como uma espécie de caução inteiramente moral da subjetividade, sem corpo e sem consistência de Deus. Assim, os EUA se tornaram o país da técnica triunfante, absoluta, ao mesmo tempo em que são o país da democracia, no sentido da liberdade, mais do que no sentido da comunidade. Eu digo tudo isso não com um espírito antiamericano, que é um sentimento um pouco idiota. Não é culpa dos americanos se a coisa se passa assim, mas do próprio Ocidente, que projetou lá a sua imagem -a mais avançada e também a mais problemática. É essa projeção que faz dos EUA um país extremamente curioso, sempre em relação com a sua própria imagem. O cinema americano não pára de colocar em cena a América, mesmo de maneira irônica, crítica. Os EUA são capazes de fazer uma grande ironia em relação a si próprios, até o infinito, sem mudar nada, pois se trata de uma vertigem da própria imagem. Trata-se, além disso, do único país que parece ter dado uma essência aos novos mitos do mundo moderno. Se há essa mitologia, não é, porém, no sentido de algo criador, como as mitologias da Antigüidade.

Pergunta - Por que não?

Jean-Luc Nancy - Não sei a razão. É como se o Ocidente tivesse feito lá a prova de que não pode de fato produzir uma nova mitologia. O que é uma mitologia? É o que enuncia, o que fala de uma ordenação do mundo. A demanda de uma nova mitologia se realizou nos EUA, mas sob a forma de mitos que refletiam a própria América, o homem americano, o sonho americano, a democracia americana. Não se tratava de deuses. Uma mitologia não pode ser uma mitologia de si própria. É preciso que seja do outro, ou então vira uma mitomania ou uma megalomania.

Pergunta - Por que o Sr. escreve que nossa tarefa hoje é criar "uma forma ou uma simbolização do mundo" e que essa tarefa é também uma luta do Ocidente contra si mesmo e do capital contra si mesmo?

Jean-Luc Nancy - O fim do comunismo foi a revelação de que jamais houve, no mundo moderno, outra economia que não a capitalista, porque a economia soviética foi um capitalismo de Estado. Eu digo isso não para afirmar que o capitalismo é bom, mas para expressar que nós jamais pensamos suficientemente à altura do próprio capitalismo como fenômeno histórico mundial. O curioso é que Marx pensava com essa altura. Ele dizia que o capitalismo é uma força mundial positiva e que uma revolução deveria vir quando o capitalismo estivesse completamente realizado. Nós temos necessidade de um pensamento que esteja à altura do capitalismo, que é verdadeiramente "o" fenômeno da história.

Pergunta - O que quer dizer pensar à altura do capitalismo?

Jean-Luc Nancy - Quer dizer pensar à altura de um processo que colocou no topo de tudo a criação infinita de valores - o valor se crescendo sempre ao valor, o valor produzindo valor. É isso o capital. Uma vez acumulado, ele produz novo capital, que é reinvestido, reproduzindo a riqueza ao infinito. O interessante no capitalismo é que nele a consciência desse infinito da produção de valor é cada vez mais vivo. Mas o infinito não pode criar um valor. Dizemos: é muito bom produzir ainda mais riquezas. Mas por que é bom? Aí, o absurdo explode. Eu creio que aqui a civilização está cada vez mais próxima de tocar esse vazio - do próprio valor, do homem, do mundo etc. - e fazer esse vazio voltar-se sobre si mesmo e então produzir daí alguma coisa.

Pergunta - Criar um mundo?

Jean-Luc Nancy - Sim, mas sem fixar valores. Seria um mundo que poderia compreender que a ausência de valores é em si mesma um valor. Trata-se de se referir ao vazio, ao nada, como quiser, remetendo à morte, mas de maneira positiva. Não se lançando à morte, pelo gosto da destruição, mas enfrentando o insuportável da morte, o que nossa civilização já não consegue fazer mais. Se alguém vive no terror perpétuo de sua morte, essa pessoa se torna louca, doente. Mas, se alguém vive no esquecimento total da morte, não quer pensar de modo nenhum nela, essa pessoa se torna um idiota. Poderíamos chamar essa criação de um mundo de criação *ex nihilo*, pois não há mais mundo nem deus e, de uma certa maneira, não há nem mesmo o homem. Há uma espécie de vazio. Será que em vez de preencher esse vazio com velhas coisas, velhos deuses e velhos valores, não poderíamos agarrar o vazio e refazer algo a partir daí mesmo? Eu creio que é isso que deverá ser feito, do contrário será a catástrofe universal.

NÃO ESTAMOS CONDENADOS AO CONSUMISMO

PEDRO SLOTERDIJK

Reproduzimos a entrevista de Peter Sloterdijk, publicada no jornal *O Globo* 7-12-02. Filósofo alemão, Peter Sloterdijk é autor do livro *Crítica da razão cínica*. Há dois anos, causou grande polêmica na Europa o seu livro *Regras para o parque humano*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. No Brasil, acabam de ser publicados dois livros: *Se a Europa despertar. Reflexões sobre o programa de uma potência mundial ao final da era de sua letargia política*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002. Este livro foi originalmente publicado na Alemanha, em 1994. A edição brasileira traz uma entrevista com o autor sobre o 11 de setembro. O outro livro é *O Desprezo das massas. Ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. A edição original alemã é do ano 2000.

Desde o lançamento de seu ensaio *Crítica da razão cínica*, o alemão Peter Sloterdijk é um dos protagonistas mais originais e polêmicos do debate filosófico contemporâneo. Em breve, também será lançada no Brasil a monumental trilogia *Esferas*, na qual o pensador discute a relação do homem com seu meio ambiente. Peter Sloterdijk leciona na Universidade de Viena e na Escola Superior de Artes Aplicadas de Karlsruhe, Alemanha, cuja reitoria assumiu em 1999. Os subtítulos são nossos.

Pergunta - Por que o senhor acha que conflitos futuros oporão os EUA à Europa e à China. O que será do Islã?

Peter Sloterdijk - Se, no século XXI, os Estados Unidos entrarem em conflito com a Europa, isso acontecerá porque estas são as duas únicas grandes estruturas políticas com experiência imperial autêntica. O Islã é um nome para uma orientação religiosa, não uma entidade política. Organizações islâmicas podem irritar os EUA ou arrastá-los para a histeria; uma concorrência a ser levada a sério, um contrapeso ou até uma oposição imperial não é de ser esperada por parte do Islã.

Pergunta - Há uma alternativa para a globalização? Ou estamos condenados ao modelo consumista capitalista neoliberal? Como o senhor relacionaria a globalização com o conceito de “fim da História”?

Peter Sloterdijk - A questão, se há uma alternativa para a globalização, soa um pouco como aquela se há uma alternativa para a rotação da Terra. A globalização é a consequência das transações mundiais; as transações mundiais são a consequência do descobrimento da unidade do planeta Terra, que pode ser circundado por navios. Esse processo é incontornável, a não ser por meio da fuga para as montanhas e para a ignorância. Uma questão inteiramente diferente é se o consumismo, que frequentemente é descrito como alma do neoliberalismo, representa o estágio derradeiro da civilização moderna. Pessoalmente, acho que sim, contanto que se associe o consumo com a mística. Precisamos atravessar o mundo moderno das mercadorias como um monge tibetano o faria num *sex-shop*, num supermercado ou numa churrascaria. Não estamos condenados ao modelo consumista de vida; estamos livres para ir a ele. O que tem isso a ver com o fim da História? Antes do fim da História, não há *sex-shops*, nem supermercados, nem clientes místicos.

Pergunta - *Se a Europa despertar* foi escrito em 1994. Como o senhor vê o cenário internacional hoje, com respeito à hostilidade aos Estados Unidos, às ameaças terroristas e às perspectivas na Europa? O senhor mudou sua opinião?

Peter Sloterdijk - *Se a Europa despertar* foi uma reação à inércia da Europa durante a crise da antiga Iugoslávia. Os europeus sentiram, então, na pele que precisavam esperar pelos Estados Unidos para resolver militarmente seus problemas. Nesse ponto, pouca coisa mudou. A Europa continua sendo um gigante econômico com a voz de um anão político. A ampliação da União Européia para o Leste, de que falo no meu ensaio, agora é assunto encerrado, meros dez anos mais tarde. Isso poderia significar ainda mais peso econômico, e ainda mais paralisia política. Às vezes, ficamos com vergonha, como intelectuais, de termos a mesma opinião de há dez anos; mas nesse caso não há motivo para uma revisão.

A ERA DA PROPAGANDA ABSOLUTA

Pergunta - Qual o papel dos meios de comunicação na guerra contra o terrorismo hoje? Estamos às vésperas de uma época tempestuosa e turbulenta, como o senhor escreve em *Se a Europa despertar*?

Peter Sloterdijk - Por que vivemos no início de uma era de tempestades (retomando esta metáfora náutica)? Admitamos que “as tempestades” significam os ataques terroristas a pontos nevrálgicos do Hemisfério ocidental: precisamos, então, levar em conta que atos desse tipo, por si sós, jamais desestabilizariam uma potência mundial. O que transforma os ataques pontuais numa tempestade é a amplificação do terror por meio das imagens do terror. Os meios de comunicação de massas são microscópios eletrônicos através dos quais um ato de terror isolado é ampliado milhões de vezes. Normalmente, os jornalistas acreditam ser os guerrilheiros úteis da democracia; na verdade, eles travam, freqüentemente sem sabê-lo, uma guerra bacteriológica informacional contra a própria população. É exatamente essa a definição de propaganda. Estamos ingressando numa era de propaganda absoluta. A propaganda relativa é o discurso bélico em favor de uma parte beligerante. A propaganda absoluta é a própria guerra da qual ela pretende falar.

TOLERÂNCIA E IGNORÂNCIA

Pergunta - Enquanto filósofo europeu, o senhor acha que a Europa deveria apoiar os nômades, e ser tolerante frente às diferenças e identidades culturais? Por quê?

Peter Sloterdijk - Eu não conheço pessoalmente nenhum nômade verdadeiro, portanto não sei se estaria certo ou errado apoiar os nômades. Às vezes dou aos ciganos do Boulevard Saint-Germain ou na estação ferroviária de Frankfurt algum dinheiro, mas eles pedem geralmente somas elevadas, cem euros ou mais; eles têm olho para homens educados em estado de fragilidade. A gente não diz não quando está cansado. No mais, a tolerância com relação a outras culturas não precisa ser fundamentada, ela decorre do fato de que, em geral, não as conhecemos e não as precisamos conhecer, pois não temos contato com elas. Tolerância é uma outra palavra para ignorância. Quando, em contrapartida, pessoas culturalmente diferentes são vizinhas num espaço pequeno, é preciso estabelecer regras de trânsito comuns. A respeito dessas regras existe um arcabouço de idéias igualitárias: somos todos filhos do mesmo Deus; estamos todos indo para o mesmo destino, que se chama Nirvana. Quem aceita frases como essas está imunizado contra a peste xenofóbica. Não devemos esquecer que o ódio contra os estrangeiros é quase sempre o ódio de pobres contra pobres.

Pergunta - De onde vem a crença dos americanos de que eles são o “povo escolhido”?

Peter Sloterdijk - Os Estados Unidos estão construídos em cima de uma teologia política manifesta. Esta ensina que a Igreja de Cristo é o verdadeiro Israel em terras do Novo Mundo. Daí decorre que a América protestante representa um povo escolhido. O mundo moderno está construído sobre o sobrepujamento do judaísmo pelo protestantismo.

Pergunta - O senhor acredita no declínio do Império americano? O que viria depois? Um ressurgimento europeu?

Peter Sloterdijk - O declínio do Império americano não é uma questão de crença, e sim uma questão de estatística e de fatos econômicos. Que os Estados Unidos estão se empenhando acima de sua capacidade deixa entrever a sua fadiga. Isso não precisa significar nenhum apocalipse, pode simplesmente se tratar de uma relativização normal. O que viria depois da preeminência norte-americana não está claro; provavelmente o futuro pertencerá a uma poliarquia plutocrática com centros espalhados pela Europa, China, Índia, Japão, Estados Unidos, Arábia, América do Sul. O perdedor da História parece ser a África.

Pergunta - Que sentido vê na palavra “utopia”? O senhor acredita no aparecimento de um novo movimento esquerdista contracultural?

Peter Sloterdijk - A palavra “utopia” só faz sentido numa única situação: queremos reservar uma passagem para um futuro melhor, e nos informamos na agência de viagens da filosofia da História sobre as melhores ofertas. Essa agência de viagens faliu em 1968. O radicalismo de esquerda clássico não pode voltar, pois ele não encontra mais uma filosofia da História na qual poderia comprar uma passagem para o futuro. No lugar disso, haverá mil locais em que nós poderemos nos entender sobre solidariedade, ajuda mútua, raivas coletivas, amizades e riqueza existencial — em parte com os meios de bordo da civilização capitalista, em parte contra eles.

Pergunta - O homem foi reduzido à frivolidade, não somente na Europa. Como o senhor diz, estamos condenados à frivolidade, e não ao consumo. Como se deu esse processo? Há alguma saída?

Peter Sloterdijk - Estar condenado à frivolidade não é nenhuma tragédia. Para isso não é necessário procurarmos uma saída específica. Ruim seria os homens começarem a acreditar em sua pobreza. A frivolidade é a arte de ser rico apesar da pobreza.

Pergunta - Quais são os pensadores contemporâneos com os quais dialoga? Ou o senhor se considera solitário?

Peter Sloterdijk - Todo verdadeiro filósofo é uma pessoa solitária. Mas somente há solitários numa sociedade de solitários. Estou envolvido num emaranhado de amizades e leituras como toda a pessoa que tenta entender o seu tempo. Falo com Alain Finkielkraut, um dos moralistas importantes hoje em dia; com Boris Groys, que considero o maior filósofo da arte da atualidade; com Wolfgang Riehm, o mais criativo compositor do século; com Rüdiger Safranski, que deu vida nova aos anos heróicos da filosofia, entre Schiller, Schopenhauer e Heidegger; leio Derrida, o mestre do ceticismo metafísico; Pierre Legendre, o eminente filósofo do direito, e, naturalmente, um monte de autores mortos.

Pergunta - O senhor poderia dizer algo sobre *Esferas*, que também será publicado no Brasil? Do que se trata?

Peter Sloterdijk - *Esferas* é uma monstruosa trilogia de cerca de 2.500 páginas que, se Deus quiser e meu editor conseguir manter seu sangue-frio, será editada também no Brasil. Ao pé da letra, a filosofia das esferas não é outra coisa senão uma teoria geral dos globos subjetivos. Ela trata do fato de que os homens são seres estáticos, que vivem em espaços psíquicos, imaginários e simbólicos autocriados; eu descrevo esses espaços como globos animados. O âmago do projeto é uma teoria surrealista do casal. Eu digo, como Platão no *Banquete*, mas com outras palavras, que as pessoas sempre serão unicamente metades de uma entidade-casal. Decorrem daí perspectivas temerárias com relação à metafísica clássica, na qual Deus e o mundo são representados como dois globos maximizados. Na terceira parte, falo das bolhas, isto é, de espaços multiplamente animados.

Pergunta - Como explica o sucesso de seu ensaio *Crítica da razão cínica*?

Peter Sloterdijk - O *Crítica* foi bem-sucedido, porque perturbava a visão de uma esquerda que podia rir.

Eventos IHU

PREPARANDO O SIMPÓSIO INTERNACIONAL ÁGUA: BEM PÚBLICO UNIVERSAL

De 20 a 22 de maio de 2003, realizar-se-á, na Unisinos, o Simpósio Internacional: *Água: Bem Público Universal*. Preparando o evento, publicamos a seguinte matéria extraída d'O Estado de São Paulo, 6-12-0, sob o título 'Direto da fonte'. Os grifos são nossos.

DIRETO DA FONTE

“Para muitos, a água mineral é opção à água de abastecimento de má qualidade. Mas quem ou que leis garantem a sustentabilidade da água mineral?

Campinas - Alguns consideram sofisticado consumir apenas água mineral, sobretudo se for *de “griffe”*, como anda na moda. Outros acham mais prático, especialmente nas grandes cidades, onde já nem se sabe para que lado fica a “bica” mais próxima. Mas, para a maioria dos consumidores brasileiros de água mineral, a opção é mesmo decorrente da má qualidade da água de abastecimento, seja por poluição orgânica ou química, consumo excessivo ou contaminação na rede de distribuição. Uma alternativa disponível, evidentemente, apenas à população de maior poder aquisitivo e um custo extra quase obrigatório para algumas escolas, instituições públicas e empresas.

A produção de água mineral no Brasil, por conta desse consumo compulsório, foi de 3,5 bilhões de litros, em 2001, e a expectativa é de chegar a 4,5 ou 5 bilhões de litros, até o fim deste ano. Isso se traduz em um consumo per capita superior a 20 litros, se considerados os números de 2002. É um índice inferior ao de alguns

países europeus, que consomem mais de 100 litros per capita, e corresponde quase à metade do consumo dos Estados Unidos (42 litros per capita). Ainda assim, é surpreendente para um país como o Brasil, com a imensa quantidade de recursos hídricos de que dispõe.

A pergunta que aqui se coloca - diante de tal mercado em franco crescimento, movido pela deterioração da água dos rios e represas - é quem ou que leis garantem a qualidade e a sustentabilidade da água mineral?

A captação de água mineral é considerada mineração - como ouro, prata, ferro, etc - e regulada pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Apesar de se tratar de água, portanto, não é um recurso hídrico, perante a lei. A outorga depende de licenciamento ambiental e existe toda uma regulamentação para controle da composição da água, que, assim como suas características físicas, deve vir impressa nos rótulos das embalagens colocadas no mercado.

Nada disso impede, porém, o grande número de fraudes no comércio, com a reutilização de embalagens com água "de torneira" ou de fontes não potáveis, uma dor de cabeça freqüente para as empresas autorizadas, que investem em marca e qualidade.

A legislação e normas atuais também não impedem o abuso na exploração, com captação acima da capacidade de reposição das fontes; abandono de fontes consideradas não produtivas sem recuperação ambiental; falta de cuidado no entorno da captação e até mesmo o desrespeito a medidas acordadas durante o licenciamento ambiental (e por grandes empresas!!).

Em resumo, este sistema de outorga, fiscalização e controle da qualidade não garante nem a sustentabilidade atual da extração e comercialização de água mineral, que dirá de um mercado em tão franco crescimento.

Para complicar, o assunto é pouco discutido por organizações não governamentais (Ongs) e quase não aparece na mídia, como se o fato de ter um rótulo com a palavra "mineral" garantisse à água imunidade à poluição e aos excessos e dispensasse a vigilância da sociedade civil. Tal silêncio em torno dos problemas do setor foi quebrado por alguns dias, nesta semana, no *II Simpósio de Águas Minerais, realizado na cidade de Caxambu, Minas Gerais, por iniciativa das regionais mineiras das associações brasileiras de Águas Subterrâneas e de Engenharia Sanitária e Ambiental* (Abas e Abes, respectivamente).

O evento reuniu mais de 200 especialistas e resultou num documento, chamado de *Carta de Caxambu*, que agora será encaminhado a prefeituras, câmaras municipais, secretarias, órgãos governamentais, Ongs, comitês *de bacias* e conselhos estaduais e municipais de meio ambiente. A carta contém 11 recomendações para tornar o mercado de água mineral mais sustentável e mesmo mais transparente. Entre elas, estão propostas de ajuste na legislação, no licenciamento ambiental e, sobretudo, sugestões de instrumentos para regular a extração e aumentar os cuidados ambientais nas estâncias hidrominerais e áreas de captação, já que a água mineral, como qualquer "aguazinha comum" também depende dos serviços ambientais de filtragem natural e recarga, prestados por matas ciliares e solos protegidos.

Não é um documento exaustivo, mas é um começo. Resta esperar que a Carta de Caxambu seja lida e desperte, junto ao consumidor e às autoridades responsáveis, a sede de beber água de verdade".

Comunicações da Coordenação

Planejamento

No dias 9 e 10 de dezembro, a coordenação do IHU esteve reunida para realizar o planejamento das atividades do Instituto para 2003. A discussão foi feita à luz de dois textos estudados e debatidos: *A Extensão e Ação Comunitária: contribuição das Universidades e IES Comunitárias para um Plano Nacional de Extensão e Um novo olhar sobre o conhecimento*, este último retirado do livro organizado por Ivan Domingues, *Conhecimento e Transdisciplinaridade*, Belo Horizonte: UFMG, 2001. No dia 12 de dezembro foi discutido o planejamento do IHU para 2003. Um destaque foi dado às publicações. O *IHU On-Line*, que continuará sendo um boletim eletrônico, semanal, a sua edição impressa será graficamente melhorada. A partir de 2003 serão publicados os *Cadernos do IHU*. O evento *IHU Idéias*, que acontece semanalmente, será editado num formato simples e de fácil manuseio. Também foi feito o planejamento do *IHU Idéias* e da nova atividade mensal intitulada *Abrindo o Livro*.

IHU On-Line e o Fórum Social Mundial

A coordenação do IHU decidiu lançar um número especial do *IHU On-line* por ocasião do Fórum Mundial de Educação e do Fórum Social Mundial. Além de ser enviado eletronicamente como de costume, ele será impresso já na nova diagramação gráfica.

Mídia e Cultura

Na segunda-feira última, dia 9 de dezembro, o prof. Dr. Antônio Fausto Neto, professor do PPG em Comunicação do Centro de Ciências da Comunicação, esteve reunido com a coordenação do IHU. Ele foi convidado para ser o articulador do Grupo Temático Mídia e Cultura. Este grupo temático se insere no Setor Ética, Cultura e Cidadania do IHU.

Parceria

Também no dia 9 de dezembro, a coordenação do IHU reuniu-se com Jacinto Schneider, gerente administrativo do Centro de Ciências Humanas, e com Romeu Forneck, diretor econômico-financeiro da Unisinos. A pauta do encontro foi a discussão de uma maior parceria entre a Universidade, através do IHU, e a Fundação Eugen Lutter. A intenção é que haja maior aproximação e conhecimento entre as duas instituições.

Solidariedade

No dia 9 de dezembro, a coordenação do IHU se reuniu, a convite da Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão, Procex, com a profa. Haide Hupffer, diretora de extensão da Procex, e a profa. Elvira Hoffmann, diretora de graduação da Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa, Proenpe, para preparar o evento *Solidário Ser. Comprometa-se*, a ser realizado nos dias 13 e 14 de agosto de 2003. O IHU ficou com a responsabilidade de propor as conferências do turno da noite, nos dois dias do evento.

Adela Cortina

No dia 10 de dezembro, a coordenação do IHU se reuniu com o prof. Egon Fröhlich, coordenador do PPG em Ciências Sociais Aplicadas e com o prof. Inácio Helfer, coordenador do PPG em Filosofia, para discutir a possibilidade da realização de um seminário dirigido aos alunos dos PPGs acima mencionados, ministrado pela profa. Adela Cortina, por ocasião da sua eventual vinda para o evento *Solidário Ser. Comprometa-se*.

Revista

Na última quarta-feira, dia 11, a coordenação do IHU participou de mais uma reunião sobre a criação de uma revista de circulação nacional. No encontro, tratou-se do planejamento gráfico que a publicação poderá ter. Participaram o prof. MS Sérgio Endler, vice-diretor do Centro de Ciências da Comunicação, prof. José Meira, professor do Centro de Ciências da Comunicação, profa. Thaís Furtado, coordenadora da Agência Experimental de Comunicação e a jornalista Sonia Montañó, do setor de comunicação do IHU.



Nossa entrevistada relâmpago nesta edição é...

Cornélia Hulda Volkart



Origem – Sou natural de Porto Alegre e a filha mais velha das quatro crianças que meus pais tiveram. A força de trabalho e a garra que tenho hoje, trago do modelo que tive em casa. Minha mãe sempre trabalhou fora, ajudando na composição econômica da família. Meus pais construíram a vida pela força do trabalho deles. Aprendi isso muito bem.

A professora Cornélia é diretora do Centro de Ciências da Saúde. Formada em Psicologia, hoje não dispõe de tempo para atuar diretamente com os pacientes. Diz-se realizada, no entanto, na atividade atual, na qual lida diretamente com a formação de profissionais da área não somente da Psicologia, mas também do leque abrangente de todo o ramo da saúde.

Infância com os avós - Apesar de ter vida urbana, passava as férias da escola, quando criança, na casa dos meus avós paternos, no interior do município de Taquara. Como era a primeira neta, tive direito a tudo o que os avós possibilitam. Eu lidava com a terra, animais e plantas. Aprendi a pescar com meu avô, que me ensinou todo o ritual.

Formação – Cursei o Primário no Colégio Batista, o Ginásio no Colégio Concórdia e o Científico na Escola Dom João Becker, todas escolas situadas em Porto Alegre. A época do Científico me marcou. Foram os “Anos Dourados”. Meu sonho era cursar Psicologia e o realizei na PUC. Depois de

um tempo, fiz um Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior, aqui na Unisinos e o Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade, na PUC.

Profissão – Logo depois de formada, tornei-me sócia da Clínica Instituto Rio-grandense de Psicopedagogia Aplicada, da qual hoje sou proprietária. Durante muitos anos, trabalhei lá, na formação de alunos e com atividades voltadas para a comunidade operária da Zona Norte de Porto Alegre. Temos uma equipe interdisciplinar de trabalho e sempre fiz questão de mantê-la. Ao longo dos anos, mais de 80 estagiários passaram pela clínica. Entre esses, três são sócios atualmente. Também tive uma experiência profissional na Brigada Militar de Porto Alegre.

Na Universidade - Em função do trabalho realizado na clínica, fui chamada para lecionar na Unisinos. De 1986 a 1988, fui chefe do Departamento de Psicologia desta Universidade e, em 1988, assumi a coordenação do curso de Psicologia. Permaneci até 1994, quando o Pe. Bohnen me convidou para ser diretora do Centro de Ciências da Saúde, onde estou até hoje. É uma grande bênção trabalhar com uma profissão que me realiza.

Família – Sou solteira e feliz. Tenho dois sobrinhos muito especiais, o Lukas (10) e o Philippe (3), filhos da minha irmã mais nova, que mora na Europa. A cada dois anos, nos vemos. Apesar da distância, participo muito da vida deles. A tia aqui tem por hábito contar histórias.

Livro – Bíblia. É a história dos tempos.

Filme – A festa de Babete, de Gabriel Axel, pelo significado que deixa.

Uma paixão – Poder compartilhar com as pessoas seus momentos de realização. Assistir à vitória de alguém que conquistou algo que queria muito. Minha família e meus sobrinhos também são minha paixão.

Planos – Dar continuidade à minha caminhada profissional, abrir mais espaços para viajar e, é claro, ser feliz.

Nas horas livres – Cuidar das minhas plantas e da casa, estar e conversar com os amigos e passear, viajar.

Um presente – A qualidade de vida para as pessoas.

Momentos felizes – Os de confraternização familiar, minha formatura da graduação e aqueles momentos em que estive junto de alguém, quando da sua conquista.

Unisinos – Um lugar de viver, que possibilita o exercício da liberdade e do crescimento pessoal e profissional. Orgulho-me de trabalhar aqui e ter a oportunidade de participar na construção da Universidade.

IHU – Representa uma grande criação da Universidade. É um espaço a ser desenvolvido. Seu valor está no permanente exercício das diferenças. Se ele enveredar por um caminho só, perderá sua riqueza.

Um grande sonho – Ver o Brasil mais justo socialmente, com seu povo tendo qualidade de vida.

Uma mensagem de Natal – Que todos possam refletir sobre o ano que está passando. Que cada um possa se alegrar ao recordar os momentos pela vida que viveu. Que tenham sempre esperança de renascimento na mensagem de Cristo e que se busque a compreensão da humanidade.

INTERATIVO

Cartas do leitor

São Leopoldo, 04 de dezembro de 2002.

É com a maior satisfação que vimos agradecer o apoio e o estímulo recebidos para a implantação e implementação do GT Interdisciplinar de Estudos sobre Relações de Gênero e História das Mulheres na América Latina – NUIEG, iniciativa concretizada na Jornada que levamos a efeito do dia 22 de novembro p.p., nas dependências do Centro de Ciências Humanas – ocasião em que pudemos contar com sua honrosa presença.

Naquele primeiro encontro, obtivemos a participação de cerca de 30 pessoas, com a apresentação de 12 comunicações, além da palestra da Profa. Marita Konzen, resultado que nos permite afirmar que o evento superou as expectativas, uma vez que contou com professores e alunos de diferentes cursos de graduação e pós-graduação dos Centros 1, 2, 3 e 4, bem como das estagiárias do Serviço de Extensão à Comunidade, de uma representante do NUTTI, do GDIREC e ECAU e do Programa de Ação Social – IHU.

A avaliação que se seguiu aponta para a continuação do projeto inicial, tanto que já estamos planejando várias atividades do NUIEG para o ano de 2003, seja em uma segunda Jornada, seja participando com outros Cursos, Programas de Pós-Graduação e mesmo Ongs, de eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, proposta que estaremos encaminhando a V.S^a nos próximos dias.

Aproveitando a oportunidade, queremos agradecer também todo o apoio recebido da Profa. Vera Regina Schmitz, das funcionárias Rejane Machado da Silva e Graziela Wolfart, e, sem sombras de dúvidas, do Prof. Laurício Neumann.

Almejando a V.S^a e a toda a equipe do IHU um Natal de Paz e grande sucesso em todos os eventos do ano que se inicia, colocamo-nos à disposição para colaborar no que estiver ao nosso alcance.

Cordiais Saudações

*Cleci Eulalia Favaro
p/ NUIEG*

Ao *IHU On-Line*,

Recebi o número 46 no qual sou distinguido com a entrevista relâmpago. Agradeço o privilégio. Quero cumprimentar a excelente competência profissional de minha entrevistadora Graziela Wolfart. Pediria que deste número pudesse receber uma cópia impressa.

Com admiração redobrada

*Prof. Dr. Attico Chassot
Professor do Centro de Ciências Humanas*

Prezados amigos,

Fico muito feliz em poder receber os e-mails tão bem preparados. Copio assuntos interessantes e os repasso para pessoas amigas e/ou uso no trabalho com o povo. Obrigada pela socialização de vossa produção.

Saudações cordiais.

*Ir. Nelcy Teresinha Zwirtes –
Professora do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.*

Agradou-me ver a matéria sobre I. Illich. Foi, do século passado, um dos críticos sociais mais pungentes e, indiscutivelmente por isso, eclipsado.

*Carlos Alberto Gianotti
Diretor da Editora Unisinos*

Acabo de receber o *IHU On-Line*. Gostei muito da síntese sobre Ivan Illich, um autor que pouco conhecia, apenas de nome. Está muito bem feita.

*César Sanson, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores –
CEPAT Curitiba -PR.*

Aniversariantes

17/12 – Rosa Maria Serra Bavaresco Coordenadora do Setor Teologia Pública do IHU	Rosa@poa.unisinos.br	Ramal 4120
18/12 – Jacinto Aloisio Schneider Gerente Administrativo do Centro de Ciências Humanas	Jacinto@poa.unisinos.br	Ramal 1105
27/12 - Graziela Maria Wolfart Setor de Comunicação - IHU	Graziela@poa.unisinos.br	Ramal 4128
29/12 – Lauro Edeberto de Souza Setor Teologia Pública - IHU	Lauro@poa.unisinos.br	Ramal 4126
31/12 – Laurício Neumann Coordenador do Setor Ética, Cultura e Cidadania do IHU	Laumann@bage.unisinos.br	Ramal 1118
31/12 – Mardilê Fabre Friedrich Setor de Comunicação do IHU	Mardile@centauro.unisinos.br	Ramal 4128
01/01 - Pe. Inácio Neutzling Coordenador do IHU	Inacio@bage.unisinos.br	Ramal 1144
02/01 - Prof. Gelson Fiorentin Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo	Gelson@cirrus.unisinos.br	Ramal 1228
18/01 - Profa. Olga Collinet Heredia Setor Ética, Cultura e Cidadania	Olga@bage.unisinos.br	Ramal 1175
25/01 - Pe. José Ivo Follmann Diretor do Centro de Ciências Humanas	Follmann@bage.unisinos.br	Ramal 1100
28/01 - Ir. Tranqüilo Fiametti Setor Ética, Cultura e Cidadania	Fiasj@terra.com.br	
04/02 - Caren Joana Sbabo Recepção IHU	Caren@poa.unisinos.br	Ramal 4121
13/02 - Mari Lúci de Oliveira Secretaria IHU	Mari@poa.unisinos.br	Ramal 1171

Sala de leitura



"Comecei a ler *A Casa das Sete Mulheres*, da escritora gaúcha Letícia Wierchowzki. Editora Record, 516 páginas. É um romance histórico sobre a Revolução Farroupilha de 1835, através da história de vida de sete mulheres da família de Bento Gonçalves que viveram, na época, todo o drama da guerra".

Prof. MS Dulce Maria Azevedo, mestre em Educação e professora do Centro de Ciências Humanas.



"Amigos do Sala de Leitura do IHU On-Line: Estou lendo *Democracia es... camino a la justicia y a la dignidad*; la democratización en las áreas rurales, coordenado por Azril Bacal, Bernardino Mata, e Rosemary Galli. México, RSA/ALASRU/Universidad Autónoma Chapingo, 2002, 216 páginas. Trata-se de importante conjunto de estudos elaborados por cientistas sociais latino-americanos e apresentados no X Congresso Mundial de Sociologia Rural, realizado no Rio de Janeiro, em agosto de 2000. Em quinze textos, são abordadas, com profundidade, as temáticas da democracia na era da globalização e dos processos de participação e democratização nas áreas rurais, bem como as questões relacionadas à cultura política, às lutas identitárias indígenas e aos movimentos sociais no campo latino-americano".

Prof. Dr. José Luiz Bica de Melo, doutor e mestre em Sociologia, coordenador do Programa de Estudos sobre Desenvolvimento e Autonomia no Vale dos Sinos (Pedra) do IHU e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas, do Centro de Ciências Humanas.



"Como leitura profissional, estou lendo *Canibalismo dos fracos: Cinema e História do Brasil*, de Alcides Ramos. Editora Edusc, 364 páginas. O livro aborda a questão de como o cinema tratou da história do Brasil no anos 60/70. A parte mais útil da obra, no meu caso, é o início, em que o autor explica a metodologia utilizada ao aproveitar o cinema para o tratamento da história brasileira. Afirmando isso em função da formação de minha tese de doutorado em comunicação social. Escrevo sobre a questão da História do Rádio em Porto Alegre, e a leitura paralela de Ramos contribui em muito para o texto".

Prof. MS Sérgio Endler, mestre em Comunicação, professor e vice-diretor do Centro de Ciências da Comunicação.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim eletrônico semanal do Instituto Humanitas Unisinos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. **Coordenador:** Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Prof^a Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 59033333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** Ihuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS